

Resenhas

Conversas com economistas brasileiros II

GUIDO MANTEGA e JOSÉ MÁRCIO REGO.

São Paulo, Editora 34, 1999. 422 p.

Maria Angélica Borges¹

Colocando suas impressões digitais nesse instigante livro, preenchido com os relatos de importantes economistas do cenário nacional, o Professor Luiz G. M. Belluzzo prefacia, com cores filosóficas, mais uma obra sobre a ciência econômica local. Inicialmente, gostaria de assinalar a preocupação do texto em apontar os diferentes discursos e a importância que tal procedimento apresenta do ponto de vista metodológico, para a elucidação das várias nuances da teoria e da prática em economia, como o demonstra a apresentação de um dos autores. Colocar o dedo na diferença é o momento da possibilidade efetiva de explicar o quê o objeto é, enquanto determinação de seus componentes. Tal reflexão é indicada, aqui, como uma viagem do universal-singular, mediada pela **particularidade**. Porém, como determiná-la na sua especificidade? Só através do caminho da concreção da análise, que é, em última instância, o universal determinado. O particular é a síntese do universal com o singular. É o caminho para a diferenciação. E desde cedo, o livro ora resenhado, nos coloca diante da importância de destacar este procedimento.

Na seqüência, destacamos a utilização da **história oral**, como instrumento de conhecimento de diferentes visões de mundo. Os ricos discursos aparecem diante da intrincada problemática da possibilidade ou não do conhecimento verdadeiro. Aqui, caberia lembrar a imagem, muito ao gosto de alguns renomados filósofos, de como é bom sentar-se sobre os ombros de gigantes pensadores, para olhar mais longe. Nessa direção, avanço nas reflexões hegelianas e navego nas águas da síntese do *empirismo versus racionalismo*, proposta pelo filósofo alemão do século XIX, como resolução da visão trágica de mundo kantiana, da impossibilidade de chegarmos à essência, mesmo não abrindo mão de procurarmos o caminho. Esta questão, traduz o movimento pendular entre **dialética** e **metafísica** do filósofo de Koingsberg; e será Hegel, nas suas reflexões, quem nos oferecerá a solução.

Porém, é uma solução de caráter idealista, resolvida na viragem ontológica pela dialética de pés materialistas, já presente nos textos de 1844, de autoria do jovem Marx. Tal questão é associada aos pares, todo e parte, fenômeno e essência, na esteira hegeliana, a partir da análise histórica idealista. Porém, na dialética marxiana, não mais a história do espírito absoluto, que se alienou e se transformou

¹ Do Departamento de Economia da FEA-PUC

em natureza e, é claro, na própria história. Mas a dos homens reais, que comem, bebem e moram em circunstâncias dadas, portanto, produzem a vida material, objeto central da economia política. Tal problemática enlaça com a ideologia, presente nas posições teleológicas, destacada por Francisco de Oliveira, na sua entrevista, quando menciona Gudin, mais como um propagandista do que um matrizador de novas teorias. Ao lado do Chico encontramos, também, Singer, Serra, Castro, Cardoso de Mello, Sayad, Nakano, Scheinkman, Holanda Barbosa, Lopes, Franco e Mercadante.

Cabe ressaltar, que a consciência espelha a realidade e instrumentaliza a intervenção do homem. Destarte, a consciência tem um poder real diante do ser. É uma força ativa do ser social - entendida como o momento ideal consubstanciado na posição teleológica. Tais procedimentos aparecem de maneira rica e diversa nos vários depoimentos. Só para pinçar alguns exemplos: a decisão de João Manuel, de largar o banco para fundar o Instituto de Economia da UNICAMP, junto com outros companheiros; ou a de Francisco Oliveira, de voltar para o Brasil e se dedicar a uma reflexão mais organizada sobre a nossa economia brasileira. Nesta esteira, também Mercadante evolui da academia para os fóruns políticos, tornando-se uma das principais lideranças paulistas no cenário nacional. Importante chamar a atenção dos leitores de que alguns dos presentes nas duas levadas de entrevistas — incluindo *Conversas com economistas brasileiros*² — participaram do CEBRAP, ou mesmo dos diversos grupos que estudaram *O Capital*, durante a era desenvolvimentista de nossa história econômica. Na fala de Singer podemos sentir o sabor daqueles momentos. Neste sentido, é mister realçar que tanto no primeiro livro como nesta obra, o leitor encontrará saborosas controvérsias dos nossos intelectuais, com ingredientes de economia política geral e brasileira, macroeconomia, história do desenvolvimento e do pensamento econômicos e algumas de suas idiossincrasias, que jamais viriam à tona em uma edição de caráter *stricto sensu* acadêmica.

As carências exercem pressões sobre os indivíduos e, conseqüentemente, eles tomam decisões numa dada direção. Esta escolha está circunscrita a um leque de possibilidades reais, sendo que, diante delas, os homens escolhem e agem; caso contrário, correm o risco de arruinarem-se. Gustavo Franco, com ironia, revela este drama, desafiando quem, no lugar dele, teria respondido melhor diante dos mesmo desafios. Provavelmente, a oposição reivindicará a melhor resposta para os dramas sociais do país. E Scheinkman, ainda enfocando a problemática da escolha, procura no lado exótico da teoria econômica, explicações sobre a criminalidade.

Enquanto Nakano, nos relata suas decisões ao sair do Paraná e vir para São Paulo estudar na EAESP/FGV, temos Holanda Barbosa procurando o objeto de

² Ver Birdeman, C., Cozac L. F. L. e Rego, J. M. *Conversas com economistas brasileiros*. SP. Ed. 34, 1996.

investigação mais adequado para realizar seus estudos fora do país, realizando a sua teleologia e procurando ir ao encontro da de seu orientador.

Para concluir este ponto, é mister lembrar que, as posições teleológicas expressam todas as relações humanas, desde o trabalho e a linguagem, até as objetivações do mais alto valor. É a partir delas que entendemos o conhecimento humano. A relação sujeito-objeto, enquanto relação típica do homem, é uma inter-relação entre o sujeito e o objeto - e vice-versa -, na qual nenhum dos dois componentes pode ser visto separadamente.

Lukács, através de várias obras, explicita que a ideologia, compreendida nos seus devidos termos, deve ser enxergada a partir de sua caracterização ampla e restrita, que ultrapassa os limites vulgarmente atribuídos a ela. Portanto, esta categoria apresenta-se como uma ferramenta do homem para atuar nos conflitos sociais e tentar dirimi-los. Sua função social, conhece na reflexão lukácsiana, um raio maior de ação do que costumamos reconhecer na maioria dos textos que versam sobre o tema.

Nesta publicação, enxergamos as teses do pensador húngaro envolvendo os posicionamentos dos entrevistados acerca, por exemplo, da retórica e da teoria de dependência. Os economistas brasileiros produzem suas análises e teorias, como bem lembrou Lopes e também Castro, dentro do contexto histórico das nossas necessidades e controvérsias. Castro, nos episódios da UNICAMP e Lopes, nas malhas das nossas políticas econômicas. Outro ponto que chama a atenção é a polêmica entre as gerações, destacada por Sayad, com relação à FEA/USP, motivada mais pela vida político-econômica, do que por querelas teóricas.

Lembramos, também, ainda dentro do contexto amplo e restrito da ideologia, que as manifestações ideológicas não são, sempre, idênticas à falsa consciência. Sendo assim, uma verdade objetiva, pode ser usada como meio para dirimir conflitos sociais e, portanto, tornar-se ideologia. Nesta direção, as controvérsias sobre o heliocentrismo&geocentrismo, no Renascimento, tornaram-se para os lukácsianos um exemplo clássico desta temática.

Com base nestas formulações, podemos considerar as limitações do critério gnosiológico, que determina se uma idéia é falsa ou verdadeira, mas não se esta pode ou não tornar-se *ideologia*. A verificação só poderá ocorrer utilizando-se o *critério ontológico-prático*, ou seja, analisando-se a função social que esta idéia desempenha na vida cotidiana efetiva.